

“Activité théorique, activité poétique”: de Benveniste a Meschonnic

Daiane Neumann¹

Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil

Resumo: O objetivo deste artigo é problematizar a atividade teórica e a atividade poética, concebendo-as como solidárias. Essa discussão se torna possível, neste texto, a partir do resgate da concepção de linguagem proposta por Baudelaire, Benjamin e Agamben, em finais do século XIX e inícios e meados do século XX. É em Benveniste, no entanto, que encontramos a teorização e a reflexão linguística acerca dessa linguagem que é colocada no centro da constituição do conhecimento, do homem, da cultura, da sociedade. O percurso teórico aqui esboçado é que torna possível a discussão apresentada por Meschonnic, ao considerar que a atividade teórica e a atividade poética são solidárias.

Palavras-chave: Atividade teórica; Atividade poética; Émile Benveniste; Henri Meschonnic.

Title: “Activité théorique, activité poétique”: from Benveniste to Meschonnic

Abstract: This article intends to discuss the theoretical activity as well as the poetic activity, by considering both of them as cooperative themes. This discussion is possible due to the revival of the language conception from Baudelaire, Benjamin and Agamben, in the end of the 19th century and in the early and in the middle of the 20th century. Nevertheless, a theorization and a linguistic reflection on this language – which is placed in the center, creating knowledge, man, culture, society – is in Benveniste’s work. The theoretical path presented in this article allows Meschonnic to discuss about the theoretical activity and poetic activity as cooperative themes.

Keywords: Theoretical activity; Poetic activity; Émile Benveniste; Henri Meschonnic.

Introdução

Neste texto me dedico a pensar, conforme proposta do III Colóquio *Leituras de Émile Benveniste*, aspectos do pensamento do linguista que apontem para um futuro dos estudos da linguagem. Considerando os quatro eixos de sugeridos para a reflexão, quais sejam: 1) Efeitos da teoria da linguagem de Benveniste na proposição de outras teorias da linguagem; 2) Efeitos da teoria da linguagem de Benveniste na composição da reflexão de campos conexos aos estudos da linguagem; 3) Interpretações da teoria da linguagem de Benveniste que possibilitaram a formulação de prospecção teórica; e 4) Interpretações da teoria da

¹ Doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Professora Adjunta na Universidade Federal de Pelotas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7363-0375>. E-mail: daiane_neumann@hotmail.com.

linguagem de Benveniste a partir de estudos intra-teóricos; este trabalho se insere no eixo de reflexão 1, “Efeitos da teoria da linguagem de Benveniste na proposição de outras teorias da linguagem”.

Embora este texto trate de um aspecto do pensamento do linguista que aponta para o futuro dos estudos da linguagem, paradoxalmente, a fim de que se possa discutir acerca da temática, cumpre fazer um retorno, considerando uma análise epistemológica que envolve o campo das ciências humanas, mais especificamente a partir de uma mudança de paradigma acerca dos estudos da linguagem, operada em finais do século XIX e início do século XX.

Esse retorno a algumas considerações que evidenciam a alteração de perspectiva acerca da concepção de linguagem, no período supracitado, serão discutidas a partir da reflexão de alguns pensadores, em especial, de Charles Baudelaire, Walter Benjamin e Giorgio Agamben. Em seguida, serão resgatadas algumas das discussões de Émile Benveniste, que tratam justamente não apenas dessa mudança de concepção de linguagem, operada no início do século XX, mas sobretudo de como essa alteração pode ser percebida, através do funcionamento da língua-discurso. Por fim, a partir desse retorno, será possível vislumbrar um pensamento que aponte para o futuro dos estudos da linguagem, proposto por Henri Meschonnic, a partir do que denominou “poética do discurso”.

A linguagem como o *locus* da experiência

A alteração do paradigma em torno da concepção de linguagem que interessa destacar aqui, para a reflexão proposta, data do final do século XIX, com Charles Baudelaire. Em texto denominado *L’Art philosophique*, o pensador, ao discutir sobre “arte pura”, na concepção moderna, a define como a criação de uma magia sugestiva que contém ao mesmo tempo o objeto e o sujeito, o mundo exterior e o artista. A individualidade é diluída, na medida em que há uma relação entre a identidade e a alteridade. A linguagem enquanto criadora não se trata mais de uma metáfora, e não é, pois, possível dissociar o que é dito da maneira como se diz.

A discussão proposta pelo poeta acaba por alterar ao mesmo tempo a concepção de linguagem e de arte. Conforme pontua Meschonnic (2006), se em Baudelaire, a linguagem está estreitamente ligada ao processo de individuação, então o que se denomina “belo da linguagem” está no ordinário mesmo, naquele de todos os dias. Como consequência, a beleza não é mais formal ou semântica, mas ela é exatamente uma crítica a esse dualismo. A linguagem torna-se, portanto, o lugar da experiência poética, da experiência artística, que produz ao mesmo tempo um sujeito e um objeto. A beleza se torna sua própria aventura de descoberta de um sujeito, de um objeto, do que é dito e da maneira de dizê-lo.

Conforme pontuei no texto “La modernité et les études du langage”, para Baudelaire, criar uma escritura significa inventar um desconhecido. A linguagem deixa de ser concebida como uma positividade, e passa a ser observada como aquela que está em vias de se inventar e de inventar o seu dizer. A literatura deixa de ser observada como o lugar do estético, da beleza, do ornamento, do sacralizado, para ser uma maneira de viver-escrever.

Em texto publicado originalmente em 1916, denominado “Sobre a linguagem geral e

sobre a linguagem do homem”, Benjamin problematiza uma questão que interessa diretamente à reflexão do linguista. A temática abordada pelo pensador aparece, tomada a partir de ponto de vista diverso, na obra de Benveniste e, mais timidamente, no *Curso de Linguística Geral*.

Para Benjamin (2011), a questão central para uma investigação de caráter teórico sobre a linguagem é a diferenciação entre a essência espiritual e a essência linguística. À pergunta, “o que comunica a língua?”, o pensador responde dizendo que a língua comunica a essência espiritual que lhe corresponde, afirma ainda que essa essência espiritual se comunica *na* língua e não *através* da língua. Assim, a essência espiritual se comunica em uma língua e não através de uma língua, ou seja, a essência espiritual não é idêntica à essência linguística. A “essência espiritual só é idêntica à essência linguística *na medida em que é comunicável*” (p. 52). Benjamin conclui, assim, que a linguagem comunica, a cada vez, a respectiva essência linguística das coisas, conseqüentemente, à pergunta “O que comunica a linguagem?”, o pensador responde “toda a linguagem comunica-se a si mesma” (p. 53).

Percebe-se, portanto, que o filósofo alemão problematiza o conceito de *arbitrariedade* em Saussure, que se encontra de forma contundente na base do pensamento benvenistiano. O acesso às coisas se dá sempre via linguagem.

No mesmo texto, Benjamin faz uma distinção entre as palavras *Medium* e *Mittel*, em alemão, que significam “meio” em português. *Mittel* significa “meio para determinado fim”, caracteriza, assim, um contexto instrumental, alude sempre à necessidade de mediação, enquanto *Medium* significa o meio enquanto matéria, ambiente e modo da comunicação, sem que seja possível estabelecer uma relação instrumental com vistas a um fim exterior. A partir dessa distinção, o pensador afirma que toda língua se comunica em si mesma; ela é, no sentido mais puro o *meio* [*Medium*] de comunicação. A característica própria do *Medium* é o problema fundamental da teoria da linguagem, dessa forma, o filósofo postula que “se quisermos chamar de mágica essa imediatidade, então o problema originário da linguagem será a sua magia” (p. 54).

Portanto, a essência linguística das coisas é a sua linguagem. Para Benjamin (2011), se aplicarmos ao ser humano, essa afirmação significa que a essência linguística do ser humano é a sua língua. Sendo a essência espiritual do homem a língua mesma, ele não pode se comunicar através dela, mas dentro dela.

Agamben, em texto publicado originalmente em 1978, denominado “Infância e história”, após fazer um histórico de uma discussão epistemológica acerca da construção da ciência no ocidente, remontando aos gregos até chegar à ciência moderna, para pensar sobre a noção de experiência, afirma que “uma proposição rigorosa do problema da experiência deve [...] fatalmente deparar-se com o problema da linguagem” (p. 54)

Da mesma forma que o faz Benjamin, em “Sobre o programa da filosofia por vir”, Agamben (2005) percebe que o fato de se ter orientado o problema do conhecimento pelo modelo da matemática impediu Kant, e também Husserl, de perceber a situação original da subjetividade transcendental da linguagem e, logo, de traçar os limites que separam transcendental e linguístico.

Assim, o filósofo italiano se propõe a acolher a sugestão de Hamann e abandonar o modelo de uma evidência matemática transcendental, cujas raízes são antigas na metafísica ocidental. Propõe que se busque as condições preliminares e inderrogáveis de toda teoria do conhecimento na elucidação de seus vínculos com a linguagem. Agamben (2005) percebe, então, que é na linguagem que o sujeito tem a sua origem e o seu lugar próprio e que “apenas na linguagem e através da linguagem é possível configurar a percepção transcendental como um ‘eu penso’”. (p. 56)

É relegada então a Benveniste a confirmação da intuição hamanniana da necessidade de uma metracrítica do sujeito transcendental, quando o linguista afirma que é na linguagem e através da linguagem que o homem se constitui como sujeito. Para Agamben (2005), a constituição do sujeito na linguagem e através da linguagem é “precisamente a expropriação desta experiência ‘muda’, [que] é, portanto, já sempre ‘palavra’” (p. 58). O filósofo sugere que uma experiência originária, longe de ser algo subjetivo, não poderia ser nada além daquilo que está antes do sujeito, antes da linguagem, uma experiência “muda”, no sentido literal do termo, uma *in-fância* do homem, da qual a linguagem deveria ensinar o limite.

As considerações propostas por Benjamin (2011) e Agamben (2005) colocam a linguagem como o *locus* da experiência do homem, tanto em sua relação com as coisas, quanto em relação à produção do conhecimento.

Ao seguir a proposta saussuriana, apresentada no *CLG*, de que “é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (2004, p. 16), Benveniste elege a língua-discurso como base para sua reflexão e acaba por teorizar sobre a linguagem de forma a fornecer subsídios teóricos para essa alteração da concepção de linguagem, iniciada em finais do século XIX, por Baudelaire, e presente na reflexão de Benjamin e Agamben, por exemplo, no século XX.

A experiência *na* e *pela* linguagem

Ao traçar esse percurso teórico até aqui exposto, necessário se faz citar Gérard Dessons (2006), para quem Benveniste foi um linguista único, não somente diante da linguística do seu tempo, mas também dos estudos atuais da linguagem e das ciências humanas que apenas começam a considerar o pensamento das relações da linguagem com a sociedade e com a subjetividade, em toda a sua pertinência.

A constatação de Dessons (2006) se observa, por exemplo, no texto “A forma e o sentido na linguagem”, apresentado no XIII Congresso da Sociedade de Filosofia da Língua Francesa, em Genebra, em 1966, quando Benveniste inicia sua exposição dizendo que:

De minha parte, tendo cometido a imprudência de aceitar este convite para falar aqui, para justificá-la não me resta outra forma senão aumentá-la com outra imprudência, mais séria ainda, a de escolher um tema cujo enunciado parece convir mais a um filósofo do que a um linguista: a forma e o sentido na linguagem. (2006, p. 220)

Ao que o linguista acrescenta:

É necessário ver que não trago aqui qualquer coisa como o ponto de vista dos linguistas; um tal ponto de vista que seja comum ao conjunto ou ao menos a uma maioria de linguistas não existe. Não só não há entre os linguistas uma doutrina reconhecida nesta matéria, mas constata-se entre muitos deles uma aversão a tais problemas e uma tendência a deixá-los fora da linguística. (2006, p. 220)

Benveniste buscava, em suas investigações, desenvolver uma reflexão que não se reduzia àquela do movimento estruturalista, relativamente forte à época, mas fazia algo de novo, o que o levou a afirmar que “a forma e o sentido na linguagem” não se tratava de um problema de linguística, pelo menos não daquela tal como era concebida. Tal questão “parece convir mais a um filósofo do que a um linguista” (2006, p. 220). Ademais, Benveniste constatava, em muitos linguistas, “uma aversão a tais problemas e uma tendência a deixá-los fora da linguística”. (2006, p. 221)

Essa postura crítica coloca a questão da significação no coração da teoria linguística de Benveniste, “onde ela se encontra em relação direta de implicação recíproca com a noção de enunciação”² (DESSONS, 2006, p. 88). Além disso, essa posição questiona, de um lado, o linguista que se ocupa somente da forma linguística, sem pensar a linguagem, e, de outro, um linguista que não dialoga com os outros domínios das ciências humanas, se fecha em seu objeto de estudo e negligencia questões indispensáveis àqueles que se ocupam dos estudos da linguagem.

Para Benveniste, “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para *viver*. Se nós colocamos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar” (2006, p. 222). Essa constatação nos leva a estabelecer uma relação entre a “ação de significar” e “aquela do viver”, o que define “a natureza irredutivelmente antropológica da linguagem, quer dizer, que a linguagem humana possui de própria a capacidade de definir um pelo outro a vida e o sentido” (DESSONS, 2006, p. 89)

Em “Da subjetividade na linguagem”, Benveniste (2005), ao pedir à evidência que se justifique, coloca em questão o fato de a linguagem ser concebida como um instrumento de comunicação, conforme o fizeram Karl Bühler e Roman Jakobson. Para Benveniste (2005), “falar de instrumento, é pôr em oposição o homem e a natureza” (p. 285). O linguista subverte o par natureza e cultura, ao afirmar que “a linguagem está na natureza do homem que não a fabricou” (p. 285). A linguística, assim, deixa uma “imaginação ingênua” de busca de uma origem das línguas e linguagem, conforme se fez no século XIX, para tomar essa origem como aquela de cada ato de linguagem, já que se apresenta sempre como único, singular e irrepetível.

Em seguida, ainda considerando o caráter subjetivo da linguagem, Benveniste afirma que “não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência

² Tradução minha. No original, lê-se: “où elle se trouve en rapport direct d’implication reciproque avec la notion d’*énonciation*”.

do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem” (2005, p. 285). É somente por contraste que a consciência de si é possível, isso significa que “eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha locução um *tu*” (2005, p. 286). Ademais, nenhum desses dois termos podem ser concebidos sem o outro, “essa polaridade não significa igualdade nem simetria: ego tem sempre uma posição de transcendência quanto a *tu*” (2005, p. 286)

É, portanto, em uma dialética que englobe “eu” e “tu” e os defina por uma relação mútua “que se descobre o fundamento linguístico da subjetividade” (2005, p. 287). A partir dessa concepção de subjetividade e, por consequência, de intersubjetividade “caem as velhas antinomias do ‘eu’ e do ‘outro’, do indivíduo e da sociedade” (2005, p. 287). A sociedade, enquanto totalidade, não preexiste ao indivíduo, mas se constrói ao mesmo tempo em que ele, reciprocamente, *na e pela* linguagem.

Antropologicamente, para Benveniste, não se pode estar fora da linguagem. Mesmo que o contexto seja exterior, não pode ser percebido fora da linguagem, por isso, “aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento” (2005, p. 26). Dessa forma, “a realidade é produzida novamente por intermédio da linguagem” (2005, p. 26), a linguagem “reproduz³ a realidade”, ela “reproduz o mundo, mas submetendo-o à sua própria organização” (2005, p. 26)

Essa problemática proposta pelo linguista estabelece uma relação direta e necessária com sua concepção de discurso, apresentada a partir da noção de enunciação e de frase, enquanto “unidade de discurso” (BENVENISTE, 2005, p. 139). É, portanto, *na e pela* enunciação que “cada falante se individua em uma instância de discurso sempre nova, relativa cada vez à situação de fala na qual ela se inscreve e não se repete”⁴ (DESSONS, 2006, p. 110). Assim, é através da enunciação que cada falante se historiciza, constrói sua história e a história do mundo. Benveniste torna indissociáveis a subjetividade e a historicidade:

Pela simples locução, aquele que fala de si mesmo instala o outro nele e dessa forma se capta a si mesmo, se confronta, se instaura tal como aspira a ser, e finalmente se historiciza nessa história incompleta e falsificada. A linguagem, assim, é utilizada aqui como palavra, convertida nessa expressão da subjetividade iminente e evasiva que constitui a condição do diálogo. (BENVENISTE, 2005, p. 84)

De acordo com a teoria da enunciação, a linguagem é a “condição mesma da história”⁵, instaurando uma relação do discurso com o tempo, através da “instanciação do sujeito no presente de sua fala”⁶ (DESSONS, 2006, p. 109).

³ Cumpre atentar aqui para o fato de que, no original, o verbo apresenta o prefixo re- separado por hífen e está em itálico, “*re-produit*”. A tradução em português negligencia o valor crítico de tal morfema na obra do linguista. Segundo Dessons (2006), glosado pela locução “à nouveau”, o prefixo “re” passa a portar dois valores de iteração e de invenção.

⁴ Tradução minha. No original, lê-se: “chaque parlant s’individue dans une instance de discours toujours nouvelle, relative chaque fois à la situation de la parole dans laquelle elle s’inscrit et qui ne se répète pas”.

⁵ Tradução minha. No original, lê-se: “condition même de l’histoire”.

⁶ Tradução minha. No original, lê-se: “l’instanciation du sujet dans le présent de sa parole”.

A linguagem, tomada como constitutiva do homem, da sociedade e das relações subjetivas, alcança seu caráter fundamental de ser ao mesmo tempo ética e política. Contudo, para pensar tais questões, Benveniste saiu do domínio do signo, para entrar naquele do discurso, pois “um pensamento da individuação só pode recusar o signo”⁷ (DESSONS, 2006, p. 64), que “existe em si, funda a realidade da língua, mas [...] não comporta aplicações particulares⁸”, enquanto que a frase, “expressão do semântico, é somente particular⁹” (BENVENISTE, 1974, p. 225, *apud* DESSONS, 2006, p. 64).

A noção de discurso tal como foi concebida por Benveniste, permite pensar o contínuo da linguagem. Pensar o contínuo significa compreender a relação entre semântico e semiótico como interna à obra e como seu resultado. O que não significa que não se consideram as unidades do discurso, mas que elas são determinadas pela relação que aí se constrói, sempre única, singular, e não por aquelas já registradas e determinadas.

Assim, somos obrigados a deixar um pensamento que busca o geral, o regular, para refletir sobre o singular. Dessa forma, mesmo as unidades das línguas são concebidas como únicas, singulares, na medida em que as relações são novas a cada situação enunciativa. As unidades são analisadas a partir de interações e implicações recíprocas entre os elementos do discurso no descontínuo.

Atividade teórica, atividade poética

Considerando essa alteração da concepção de linguagem, proposta desde Baudelaire, em finais do século XIX e teorizada por Benveniste, com base em Saussure, Meschonnic desenvolve o que chamou de uma poética do discurso, em que a problemática da atividade teórica e da atividade poética são solidárias.

A reflexão proposta aqui se circunscreve, portanto, a uma discussão que toma essa alteração da concepção de linguagem, para recolocar em questão a produção do conhecimento, lançando luzes tanto para os estudos linguísticos, quanto para os estudos literários; discussão que também importa às ciências humanas em geral.

Para Meschonnic (2009), a exclusão da poesia, desde *A República*, de Platão, mostra a condenação da linguagem, que foi tomada como obstáculo, mentira, engano, por natureza. Por isso, o teórico da linguagem propõe uma distinção entre o que denominou *ciência* e o que denominou *teoria*. A *ciência* estaria no domínio do homogêneo, do linear, do matematizável, paradigma que excluiu o papel da linguagem na produção do conhecimento. A *teoria*, por outro lado, rejeita os esquemas instalados e busca o novo a pensar.

Somente a busca pelo novo, pelo não pensado seria crítica, se constituiria como crítica. A teoria se caracteriza, assim, como uma pesquisa, não uma manutenção da ordem. Ela deve ser, pois, negativa, não se assegura pelo que ela diz, mas porque ela avança. A crítica teria,

⁷ Tradução minha. No original, lê-se: “une pensée de l’individuation ne peut que récuser le signe”

⁸ Tradução minha. No original, lê-se: “existe en soi, fonde la réalité de la langue, mais [...] ne comporte pas d’application particulières”

⁹ Tradução minha. No original, lê-se: “expression du sémantique, n’est que particulière.”

portanto, uma dupla dificuldade: descobrir, estabelecer sua utopia e resistir à ocupação atual.

Remontando a Aristóteles, em especial à *Metafísica*, Meschonnic (2009) propõe que a teoria não seja concebida como um absoluto etimológico, em que Aristóteles via uma contemplação da verdade, independente de toda prática, de toda poética, mas como, ainda no sentido aristotélico, investigação. Dessa forma, a teoria não se identificaria a nenhuma norma, nenhuma autoridade e dela não nasceria nenhuma *verdade-unidade-totalidade*.

Uma poética do discurso, conforme proposta por Meschonnic (2009), é uma incompletude teórica, ela é solidária de uma linguística do discurso. A poética do discurso tem uma solidariedade de aventura com a poesia, mais que toda a literatura, que toda a teoria. A teoria se torna assim uma pesquisa da teoria. Conforme Mandelstam (apud MESCHONNIC, 2009, p. 33), “A poesia se distingue do discurso automático no que ela nos desperta e nos sacode em meio a uma palavra. Então, parece muito distante que nós não pensemos e não nos recordemos que falar significa encontrar-se sempre a caminho¹⁰”.

A poesia não tem mais um papel estético em uma antropologia histórica da linguagem. Ela própria é uma atividade da linguagem, um modo de significar que expõe mais que os outros a problemática da linguagem, sua historicidade, é o sujeito, o sujeito empírico como função de todos os indivíduos.

Meschonnic (2009) propõe, então, que a poesia seja concebida como um discurso, na medida em que toda atividade da linguagem é um discurso, considerado como uma atividade da linguagem de um sujeito, em uma sociedade e em uma história. Essa consideração importa tanto para a teoria do discurso quanto para a poesia, já que faz repensar tanto o lugar da teoria do discurso, quanto da literatura.

A teoria do discurso trataria do que foi deixado à parte, considerado exceção, e, assim, abriria espaço para se repensar, se recolocar em questão enquanto teoria. A literatura, de outra parte, ao colocar-se como discurso revelaria seu caráter não mais de lugar de estética, da beleza, mas da produção de conhecimento. Dessa forma, não seria mais somente a ciência ou a teoria, conforme distinção proposta por Meschonnic (2009), que produziriam conhecimento, mas a poesia, a literatura também.

A crítica, em Meschonnic (2009), seria uma interação da atividade teórica e da atividade poética. Logo, o que haveria de comum entre o discurso teórico e a atividade do poema seria um modo específico do subjetivo para estender-se ao referencial e ao intersubjetivo, ao impessoal, que deve ser chamado transpessoal.

A partir desse ponto de vista, não se pergunta mais o que é a literatura, o que é a poesia, mas “o que *faz* a poesia?”¹¹ (MESCHONNIC 2009, p. 62) “A poesia *não exprime*.”¹² (MESCHONNIC, 2009, p. 62) Ao se opor ao lugar dado à poesia por Roman Jakobson, o teórico da linguagem afirma que a “poesia *não significa*”¹³, dizer que um poema significa seria

¹⁰ Tradução minha. No original, se lê: La poésie se distingue du discours automatique en ce qu'elle nous réveille et nous secoue au milieu d'un mot. Alors il apparaît beaucoup plus long que nous ne pensions, et nous nous souvenons que parler signifie se trouver toujours en chemin”

¹¹ Tradução minha. No original, lê-se: que *fait* la poésie?

¹² Tradução minha. No original, lê-se: “La poésie *n'exprime pas*.”

¹³ Tradução minha. No original, lê-se: “La poésie *ne signifie pas*”.

pressupor que ele pode ser dividido em um sentido e em uma forma, que ele pode ser construído a partir do signo. A poesia não se refere ao mundo, não se refere a uma experiência, mas ela os faz.

A poesia como uma atividade da linguagem designa um funcionamento. A atividade inclui e engaja o sujeito e a história, implica, portanto, uma linguística da enunciação. A atividade supõe um *ator*, que é também um *autor*. A atividade supõe que a linguagem faz algo ao mesmo tempo em que diz, e não faz necessariamente o que diz. O poema age ao mesmo tempo em que diz e mina a oposição entre a fala e a ação. Assim, a aventura teórica e a aventura poética são inseparáveis.

Palavras finais

O percurso aqui realizado busca lançar luzes sobre a reflexão acerca da linguagem proposta por Meschonnic em sua poética do discurso. Nessa perspectiva teórica, o linguista, poeta e tradutor toma, no centro de sua teorização, a linguagem enquanto criadora, resgatando o sentido de *poiésis*, capacidade de produzir ou fazer alguma coisa, de forma criativa. Dessa maneira, tanto o fazer teórico quanto o fazer poético são tomados enquanto criação.

Para sustentar essa proposta teórica, este artigo buscou fazer uma passagem pelos finais do século XIX e inícios e meados do século XX, notadamente através da discussão sobre linguagem que permeia o trabalho de Baudelaire, Benjamin e Agamben, a fim de refletir acerca dessa mudança de paradigma no que concerne à concepção de linguagem, que foi não apenas captada, mas também amplamente teorizada na linguística de Benveniste, cujas bases estão no pensamento saussuriano.

Benveniste, ao opor-se à tomada da linguagem enquanto instrumento e ao considerá-la como constitutiva e constituidora do homem, da cultura, da sociedade, invoca essa concepção de linguagem latente em sua época e mostra, através do estudo dos pronomes, dos marcadores de tempo e de espaço, como essa propriedade da linguagem se alicerça em seus elementos linguísticos.

Assim, Benveniste mostra que as categorias de pessoa, tempo e espaço são universais nas línguas, não em termos de elementos propriamente linguísticos, mas em termos de categorias de linguagem, portanto, de cultura. É nessa tomada da linguagem enquanto constituidora do homem, da cultura, da sociedade, que Benveniste funda o que Meschonnic (2009) chamou de uma nova antropologia.

Propondo-se a ir além do ponto em que Benveniste parou, Meschonnic, através de sua poética do discurso, considera como fundamental a concepção de linguagem teorizada pelo linguista sírio, para pensar a linguagem, a literatura, a tradução e o próprio fazer teórico. Essa tomada de posição o leva a questionar o que se faz quando se faz teoria e a considerar que a teoria deve sempre avançar, deve ser, pois, negativa.

Tais considerações aqui abordadas e presentes, em especial, em Meschonnic (2009), levam à reconsideração de como se concebe a literatura, a tradução e o próprio fazer teórico,

ao tomar a linguagem como um ato ao mesmo tempo ético e político. Dessa forma, a atividade teórica e a atividade poética são tomadas como solidárias.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história – Destrução da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes*. Paris: R. Laffont, 1980.

BENJAMIN, Walter. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem. *Escritos sobre mito e linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2011.

BENJAMIN, Walter. *Sobre o programa da filosofia por vir*. 1. Ed. Tradução Helano Ribeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019.

DESSONS, Gérard. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: Éditions IN PRESS, 2006.

MESCHONNIC, Henri. *La rime et la vie*. France: Éditions Verdier, 1989/ Gallimard, 2006.

MESCHONNIC, Henri. *Critique du rythme: anthropologie historique du langage*. Lonrai, França: Éditions Verdier, 2009.

NEUMANN, Daiane. La modernité et les études du langage. *Revista investigações*, Recife, v. 29, n. 2, p. 26-436, 2016.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

Recebido em: 30/12/2019.

Aceito em: 09/03/2020.